

RESENHA CRÍTICA

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Ed. 17^a, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, 107 pp.

Autor: Prof. Ms. Francisco Bezerra da Silva Neto¹

O autor, Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997), Graduado pela Faculdade de Direito de Recife. Sua filosofia educacional expressou-se primeiramente em 1958 na sua tese de concurso para a universidade do Recife, e, mais tarde, como professor de História e Filosofia da Educação daquela Universidade, bem como em suas primeiras experiências de alfabetização como a de Angicos, Rio Grande do Norte, em 1963. Foi exilado durante o Regime Militar. Em 1969, trabalhou como professor na Universidade de Harvard. Foi Consultor Especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial das Igrejas, em Genebra (Suíça). Deu consultoria educacional junto a vários governos do Terceiro Mundo, principalmente na África. Em 1980, depois de 16 anos de exílio, retornou ao Brasil para “reaprender” seu país. Lecionou na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Em 1989, tornou-se Secretário de Educação no *Município de São Paulo*. *Entre as principais obras destacam-se*: Educação como prática da liberdade(1967), Pedagogia do oprimido(1968), Cartas à Guiné-Bissau (1975), Pedagogia da esperança(1992) e À sombra desta mangueira (1995), Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa (1997). Ainda em vida recebeu diversas honrarias: título de doutor *Honoris Causa* por vinte e sete universidades; Prêmio Rei Balduino para o Desenvolvimento (Bélgica, 1980); Prêmio UNESCO da Educação para a Paz (1986) e Prêmio Andres Bello da Organização dos Estados Americanos, como Educador do Continentes (1992)².

O Livro foi escrito em 1968, no exílio no Chile. Na obra Freire parte do pressuposto que há **uma pedagogia dominante** em vigência, a da classe dominante – opressora, **que não serve à classe trabalhadora** – oprimida. O livro já encontra-se na 60^a. edição.

Objetiva apresentar a tese de que é por meio da **educação** como **prática de liberdade**, aquela **reflexiva, problematizadora, dialógica e libertadora**, e não da **educação bancária**, aquela **alienante, não problematizadora, antidialógica e opressora**, que os sujeitos concretos poderão superar a dominação em que vivem e se **humanizarem**.

A obra está estruturada em quatro capítulos: “Justificativa da pedagogia do oprimido”, “A concepção “bancária” da educação como instrumento da opressão. Seus pressupostos, sua crítica”, “A dialogicidade – essência da educação como prática da liberdade” e “A teoria da ação antidialógica”, precedidos por um “Prefácio”, de Ernani Maria Fiori, e de uma introdução, intitulada “Primeiras palavras”.

No Prefácio, Fiori destaca que **Freire** é “um pensador **comprometido com a vida**: não pensa idéias, **pensa a existência** ” (p. 5). Discute a questão de como deve ser a

¹ Professor da Educação Básica – SEDUC/PA – email: fbsneto76@gmail.com. Graduado em Filosofia – UFPA, Esp. em Filosofia da Educação – UFPA, e, Mestre em Educação – UFPA.

² Extraído e sintetizado de <https://www.paulofreire.org/paulo-freire-patrono-da-educacao-brasileira>. Acesso em 19/09/2016.



educação libertadora, enfatizando a questão do diálogo e da possibilidade do oprimido “aprender a dizer a sua palavra” autônoma, como exteriorização da “práxis” (p. 10). Conclui que o método freireano “conscientiza e politiza” (p. 11), a partir de uma dialética em que a ação educativa e o compromisso político são indissociáveis.

Em “Primeiras palavras”, Freire inicia com uma epígrafe muito significativa “Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam” (p. 12). Em seguida, diz ter percebido nas suas atividades, nos cinco anos de exílio e antes no Brasil, um certo “**medo da liberdade**” e medo do “**perigo da consciência crítica**”, pois, “se a conscientização põe em discussão este *status quo* ameaça, então, a liberdade” (*idem*).

Admite que sua obra pode ser tomada como idealista por uns, mas, afirma que seu objetivo, para além das posições pessoais de alguns leitores e do sectarismo de outros, é o de estabelecer um diálogo radical, no sentido de **críticidade libertadora** (p.13), que **melhor conhece a realidade para transformá-la**. Logo, segundo o autor, o sectário é reacionário, enquanto o revolucionário é radical, “Daí que a pedagogia do oprimido, que implica numa tarefa radical cujas linhas introdutórias pretendemos apresentar neste ensaio e a própria leitura deste texto não possam ser realizadas por sectários” (p.14).

No capítulo um, “Justificativa da «pedagogia do oprimido»”, o autor adverte sobre a pretensão de “aprofundar alguns pontos discutidos em nosso trabalho anterior Educação como *Prática da Liberdade*” (p. 16); de fato, na referida obra já se encontram tematizados as questões do **ser humano concreto**, da **opressão**, do **diálogo**, da **transformação**, dentre outras.

A **questão fundamental** para Freire é a **humanização** “A desumanização, que não se verifica, apenas, nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do **ser mais**”, para ele, “a **desumanização**, mesmo que um **fato concreto** na história, **não é**, porém, **destino dado**, mas resultado de uma “**ordem**” injusta que gera a **violência dos opressores** e esta, o **ser menos**” (p. 16). Nesse sentido, afirma:

A nossa preocupação, neste trabalho, é apenas apresentar alguns aspectos do que nos parece constituir o que vimos chamando de **Pedagogia do Oprimido: aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele**, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. **Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos**, de que resultará o seu engajamento necessário na **luta por sua libertação**, em que esta pedagogia se fará e refará (p. 17).

Para Freire não basta tomar consciência da opressão, faz-se necessário o engajamento na luta para superar essa condição imposta, transformando objetivamente a “situação opressora”, pois, é necessário saber que “A **realidade social**, objetiva, que não existe por acaso, mas **como produto da ação dos homens**, também **não se transforma por acaso**” (p. 20) e mais, não há, para o autor, nenhuma possibilidade de inserção crítica na realidade, uma vez que ela é antagonica aos interesses dos oprimidos. Assim,

A **pedagogia do oprimido**, como pedagogia **humanista e libertadora**, terá, dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a **pedagogia dos homens em processo de permanente libertação** (p. 23).



Deter a opressão, e com isso os opressores, é, segundo Freire, gerar liberdade, à medida que se estaria impedindo o regime opressor. Além disso, para ele os homens se educam e se libertam em **comunhão, no diálogo e na reflexão**: “a reflexão, se realmente reflexão, conduz à prática” (p. 29) e “A ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, “ação cultural” para a liberdade, por isto mesmo, ação com eles” (p. 30).

O capítulo dois trata sobre “**A concepção «bancária» da educação como instrumento da opressão.** Seus pressupostos, sua crítica” e aprofunda alguns pontos já trabalhados. Freire aborda a questão do **protagonismo da ação educativa**, que na concepção bancária é exclusiva do professor, enquanto o educando é visto como um ser passivo e vazio “A narração, de que o educador é o sujeito, conduz **os educandos** à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em **recipientes a serem “enchidos” pelo educador**” (p. 33).

E afirma, “nesta **distorcida visão da educação**, não há criatividade, não há transformação, não há saber” (*idem*), “**refletindo a sociedade opressora**, sendo dimensão da “cultura do silêncio”, a “**educação**” “**bancária**” **mantém e estimula a contradição**” (p.34). Para Freire essa **concepção é necrófila** “Nutre-se do amor à morte e não do amor à vida” (p. 37).

Em oposição a essa visão distorcida de educação, que age sobre a mentalidade dos oprimidos, não sobre a situação que os oprime, Freire propõe a “**educação libertadora, problematizadora**” (p. 39), a qual **supera a dicotomia educador-educando e fundamenta-se dialogicidade**, que é negada na concepção bancária. A concepção problematizadora, por ser reflexiva, faz o educando passar âmbito da *doxa*, para o nível do *logos*,

Assim é que, enquanto a **prática bancária, como enfatizamos, implica numa espécie de anestesia, inibindo o poder criador dos educandos, a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica num constante ato de desvelamento da realidade.** A primeira pretende manter a *imersão*; a segunda, pelo contrário, busca a *emersão* das consciências, de que resulte sua *inserção crítica* na realidade (p. 40).

Ao desvelar a realidade rompe-se com o “**intelectualismo alienante**”, superando o autoritarismo do educador “**bancário**”, supera também a falsa consciência do mundo (p.43).

O terceiro capítulo trata sobre “**A dialogicidade – essência da educação como prática da liberdade**”, nele, Freire adverte que está retomando o que já disse sobre a educação problematizadora e sobre o diálogo, em Educação como Prática de Liberdade (1967).

O **diálogo** para Freire implica uma **unidade dialética** de “**ação e reflexão**”, pois, o diálogo está constitutivamente relacionado à **palavra**, e “**Não há palavra verdadeira que não seja práxis.** Daí, que dizer a **palavra verdadeira seja transformar o mundo**” (p. 44). Além disso, o diálogo é uma “**exigência existencial**” (p.45), de “**amor**” e de **humildade e fé nos homens**, justamente por isso, segundo Freire, ele se efetiva em uma **relação horizontal** (p. 46).

Para Freire, **o diálogo começa na busca do conteúdo programático** e se estende em toda a ação educativa, por isso, deve levar em consideração a situação concreta em que

vive o educador e trabalhar a partir do “tema gerador” e “situações-limites” (p. 50), respeitando o princípio que não **se faz educação para o povo**, mas **com o povo**, que **existe, não apenas vive**, e como tal constrói e pode transformar o mundo.

Logo, “Investigar o **“tema gerador”** é investigar, repitamos, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis” (p. 56). Ressalta ainda que as “situações-limites”, que precisam ser superadas, são geradas pelas contradições da sociedade, as quais são, por sua vez, o que **fomenta os círculos temáticos** (p. 64). A metodologia da educação problematizadora passa pela confecção de material baseado na realidade e no estudo e seleção de textos “leitura e a discussão de artigos de revistas, de jornais, de livros começando-se por trechos [...]entrevistas gravadas [...] debate em torno do conteúdo da leitura” (p. 68). Para o autor, o povo precisa participar da elaboração do material com o qual serão discutidas as temáticas de aprendizagem, por isso é uma **pedagogia com, não para o povo**.

No quarto capítulo, “A teoria da ação antidialógica”, Freire retoma a concepção de **“educação problematizadora**, enquanto um **quefazer humanista e Libertador”** (p.43) em contraposição à **antidialogicidade**. Afirma que **“A práxis revolucionária somente pode opor-se à práxis das elites dominadoras**. E é natural que assim seja, pois são **quefazeres antagônicos”** (p. 71), em seguida afirma que tal práxis só pode ser dialógica, caso contrário, é opressora.

Freire é muito enfático em dizer que **sem diálogo não há libertação**, mas dominação **“A nossa convicção é a de que, quanto mais cedo comece o diálogo, mais revolução será”** (p. 72). Vale ressaltar que para Freire a Reflexão deve conduzir a ação, sem dicotomias, do contrário poderia descambar em idealismo, de um lado, ou em ativismo do outro.

Freire evidencia a importância da **liderança revolucionária** e diz **“A nossa posição, já afirmada e que se vem afirmando em todas as páginas deste ensaio, é que seria realmente ingenuidade esperar das elites opressoras uma educação de caráter libertário”** (p. 76).

O **diálogo**, para Freire, é a **essência da revolução**, enquanto prática libertadora, já a **conquista é a essência da opressão**, **“Assim como a ação antidialógica, de que o ato de conquistar é essencial, é um simultâneo da situação real, concreta, de opressão, a ação dialógica é indispensável à superação revolucionária da situação concreta de opressão** (p.78).

Outros três aspectos da ação antidialógica, ligadas ao **“dividir, para manter a opressão”** (p. 79), são: **a conquista, a manipulação e a invasão cultural**. A partir de várias estratégias, por parte do opressor, se cria um clima de **insegurança vital**, que impede a organização por parte do trabalhador **“A perda do emprego e o seu nome numa “lista negra”, que significa portas que se fecham a eles para novos empregos é o mínimo que lhes pode suceder”** (p. 82).

Além disso, para manter a desarticulação **“A manipulação, na teoria da ação antidialógica, tal como a conquista a que serve, tem de anestesiar as massas populares para que não pensem”** (p. 84) e como estratégia estrutural a **invasão cultural** tende a **“amoldar os invadidos a seus padrões, a seus modos de vida”** (p. 87).



Como superação da **invasão cultural** Freire propõe: “a **revolução cultural**” (p. 90), a compreensão da cultura como superestrutura (p. 91), criatividade e conscientização (p. 92), colaboração (p. 96), comunhão e união (p. 99), organização e testemunho (p. 102).

Assim, “A **organização** das massas populares em classe é o processo no qual a **liderança revolucionária**, tão proibida quanto este, de dizer sua palavra, **instaura o aprendizado** da *pronúncia* do mundo, **aprendizado verdadeiro**, por isto, **dialógico**” (p. 103) e “A **teoria dialógica** da ação **nega o autoritarismo** como nega a licenciosidade. E, ao fazê-lo, **afirma a autoridade e a liberdade**. Reconhece que, se não há liberdade sem autoridade, não há também esta sem aquela” (*idem*).

A colocação que, em termos aproximativos, meramente introdutórios, tentamos fazer da questão da pedagogia do oprimido, nos trouxe à análise, também aproximativa e introdutória, da teoria da ação antidialógica, que serve à opressão e da teoria dialógica da ação, que serve à libertação.

Desta maneira, nos daremos por satisfeitos se, dos possíveis leitores deste ensaio, surjam críticas capazes de retificar erros e equívocos, de aprofundar afirmações e de apontar o Que não vimos.

[...]. Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar. (p. 107)

Recomenda-se a leitura dessa obra por várias razões, dentre as quais, o fato que já se tornou um clássico e leitura obrigatória para quem quer enveredar pela árdua vertente da educação e, mais especificamente, da docência. Mas para usufruir de toda a riqueza da obra aconselha-se que se faça também a leitura de Educação como Prática de Liberdade, pois o próprio autor diz, em Pedagogia do Oprimido, que alguns conceitos trabalhados nessa obra, são desdobramentos e/ou aprofundamentos do que já fora abordado na obra de 1967. Em Pedagogia do Oprimido encontramos um texto fruto da vivência do autor. O texto é ao mesmo tempo de fácil leitura, porque o autor tem a preocupação de tornar os conceitos claros, ao retomá-los nos capítulos da obra, mas é também de uma profundidade muito grande, pois trabalha conceitos que só serão compreendidos em toda a sua riqueza por quem tem o mínimo de leitura em Hegel, Husserl, Heidegger, Marx, Sartre, Fromm, teologia da libertação, dentre outros. Certamente um dos grandes méritos de Freire é não ter se tornado “escravo” de um único referencial teórico-metodológico, mas, autonomamente colheu, em cada um dos autores que leu, o que tem de melhor, para dar conta da complexidade que é o ser humano na constante luta por humanizar-se.

Belém, 29 de setembro de 2016.

Francisco Bezerra da Silva Neto.

